

SEXUALIDADE INFANTIL: DESENVOLVIMENTO, PRECOCIDADE E O PAPEL DOCENTE

Filipe Henrique Tolentino¹
Leandro Gabriel dos Santos²

RESUMO

Este artigo tem como intuito abordar questões relacionadas ao desenvolvimento, precocidade e o papel docente no que tange a sexualidade infantil. Para tanto, se buscou subsidiar a pesquisa teórica em pensadores, tais como Freud e Lajonquièrre. Tal discussão teórica analisa, inicialmente, o desenvolvimento sexual na perspectiva de Freud, na qual são descritas as fases sexuais pelas quais passam os seres humanos. Posteriormente, a questão da sexualidade precoce é investigada, assim como os condicionantes históricos e sociais, os possíveis agentes responsáveis, e, por fim, uma breve análise quanto à relação entre sexualidade, escola e o papel docente.

ABSTRACT

This article aims to address issues related to development, precocity and the teaching role in relation to child sexuality. Therefore, we sought to subsidize theoretical research in thinkers, such as Freud and Lajonquièrre. Such a theoretical discussion initially analyzes sexual development in Freud's perspective, in which the sexual phases through which human beings are described are described. Subsequently, the question of early sexuality is investigated, as well as the historical and social determinants, the possible responsible agents, and, finally, a brief analysis regarding the relationship between sexuality, school and the teaching role.

1. O DESENVOLVIMENTO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE FREUD

A sexualidade infantil foi uma das temáticas as quais Freud discutiu com extrema atenção ao longo de seus estudos atrelados à psicanálise, ciência esta criada pelo próprio Freud.

Sabe-se que Freud chocou a sociedade médica e a população em geral no início do século XX ao afirmar que as crianças não eram desprovidas de pulsos sexuais, como sempre se acreditou até então. Ao contrário, afirmou que cada um de nós nasceu com estímulos sexuais, porém, sendo possível serem percebidos a olho nu manifestações concretas a partir dos três a quatro anos de idade.

Parece certo que o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem uma supressão progressiva, a qual, por sua vez, pode ser rompida por avanços regulares do desenvolvimento sexual ou suspensa pelas peculiaridades individuais. Nada se sabe ao certo sobre a regularidade e a periodicidade desse curso oscilante de

¹ Graduado em Pedagogia pela Faculdade Projeção/FAPRO-Guará (DF), Brasil. Email: lipeht04@gmail.com

² Professor orientador, Faculdade Projeção/FAPRO-Guará (DF), Brasil. Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Email: leandro.santos@projecao.br.

desenvolvimento. Parece, no entanto, que a vida sexual da criança costuma expressar-se numa forma acessível à observação por volta dos três ou quatro anos de idade. (FREUD, 1905, p. 108).

É comum erroneamente analisar uma criança como um indivíduo sem estímulos sexuais. Freud (1905) salientou sobre as múltiplas opiniões acerca da pulsão³ sexual enquanto elemento ausente no período da infância, apenas despertando durante a puberdade. Porém, é certo de que há atividade sexual, não só desde a infância, como é nela que se deve ter mais atenção, onde se tem a devida importância para o desenvolvimento sexual até a vida adulta.

O aprofundamento de uma investigação das manifestações sexuais observadas durante a infância poderia não apenas revelar traços essenciais da pulsão sexual, como também desvendar sua evolução e compreender quais elementos compõem tais manifestações.

1.1 Fases sexuais do indivíduo

Além de descaracterizar a criança como um ser assexuado, desprovido de pulsos sexuais, que é o que se acreditava até o início do século XX, Freud identificou e apontou as manifestações sexuais da criança. Fez ainda mais: as classificou através de anos de observação e estudos em fases, de acordo com a região erógena (assim chamada por ele) da criança que proporcionasse mais prazer, por etapas de idade.

Ao começar a denominar as manifestações sexuais, Freud apresentou o ato de “chuchar” que, segundo ele:

(...) consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance [...] são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção. (1905, p. 110).

Parte dos estudos de Freud é baseada ou relacionada em teorias sexuais. Este ousa ao afirmar que o “simples” ato instintivo de um bebê ao mamar, ou seja, satisfazer a sua necessidade fisiológica de se alimentar através dos seios de sua mãe é claramente uma manifestação sexual infantil. Quer dizer que as pulsões sexuais estão presentes desde o nascimento.

Para ele, essa manifestação não se dá pela insatisfação fisiológica do bebê em mamar, no qual mesmo após o término da alimentação, já plenamente satisfeito, ainda permanece interagindo com a mãe, seja no ato de sucção, seja com as mãos nos seios ou acariciando a pele, como se buscasse uma satisfação plena, em busca de um prazer. Prazer esse, para Freud, sexual. “É por isso que podemos ver no chuchar não apenas a busca pela satisfação da nutrição, senão a busca do prazer”. (SANTOS⁴, 2010, p. 20). Por

³ Pulsão – Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal; o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir suas metas (LAPLANCHE e PONTALIS, 1995, p.394).

⁴ Autora: Andréia Tenório dos Santos; Orientador: Leandro de Lajonquière. Trabalho publicado pela “Série Iniciação Científica”: Faculdade de Educação da USP, 2010, vol. 6.

esse motivo, o bebê, após o deleite “sexual”, acaba dormindo, como se estivesse satisfeito, não só fisiologicamente, mas sexualmente pleno, algo como o orgasmo da fase adulta, para ele o clímax do prazer. Santos também destaca esse “chuchar” como satisfação sexual na fase adulta:

Embora esse sugar com leite nos remeta inicialmente ao ato de mamar do lactente, ele é disso desvinculado e pode ser vislumbrado, mais tarde, no adulto, em atividades como o beijar, ou o sexo oral, etc, cujo objetivo principal é reviver aquele *plus* de prazer experimentado no mamar. (2010, p. 21).

Embora as afirmações de Freud tenham escandalizado a população de sua geração, hoje são muito bem aceitas e estudadas por todo o mundo.

Além do chuchar, Santos (2010, p.25) destaca também as considerações de Freud sobre “a micção, a masturbação, a defecação, o olhar, o exibir-se e a crueldade”. A micção nada mais é do que o ato de urinar, o qual proporciona prazer à criança ao sentir a urina passar pela uretra. Freud afirmou também que, no ato de higienização da criança por outrem, provoca certa excitabilidade, a qual, se estimulada pela própria criança, poderá gerar um maior prazer.

Existe a defecação, além de necessidade fisiológica, como uma das manifestações sexuais apresentadas por Freud, que consiste no ato de defecar. Segundo Freud, ao praticar o ato, a criança sente imenso prazer no ânus, considerado no caso uma região erógena, a qual é ativada sua sensibilidade na defecação. Porém, Freud vai além da pulsão sexual e da necessidade fisiológica com relação à defecação. Ele afirma que a criança busca o prazer psicológico. Com isso, Santos explica:

Porém, é importante pontuar que, para além do prazer de órgão, ao que não podemos unicamente aceder, por imputar numa redução da sexualidade infantil, existe uma relação de “poder / desejo” que se estabelece entre essa criança e sua mãe – o outro “cuidador”. Assim, quando ela retém as fezes não está somente zelando por um prazer de órgão, mas também se negando a dar ao outro o que este lhe pede. Este é um importante movimento da criança que visa transgredir o desejo desse outro primordial – a mãe. Reter as fezes não é simploriamente reter as fezes! É também fazer valer o desejo de ter o outro como objeto, isto é, fazer valer um desejo de posse (2010, p. 25).

Quando se fala em manifestações sexuais, conseqüentemente pensa-se em atos puramente sexuais. Todavia, Freud propõe que o “simples” ato de “olhar os genitais de outras pessoas ou em exibir os seus” (SANTOS, 2010, p. 25) já proporciona um prazer sexual à criança.

Destaca-se também o prazer em crueldades a outrem, sejam objetos ou pessoas, que não passa necessariamente a nenhum “toque sexual”, contudo é caracterizado por Freud como uma manifestação sexual. É comum ver crianças arrancando cabeças de bonecas, rabiscando-as, tirando rodas de seus carrinhos, brincando de leves tapas, enfim, em características de “crueldade”. Esse prazer é exemplificado por Santos: “Outra vez, não é simplesmente ‘o

prazer pelo prazer', é também um prazer pela dominação. A criança busca exercer seu poder sobre esse outro que tanto a domina, que tanto interdita seus quereres, dizendo-lhe: não!" (2010, p. 25-26). Quer dizer, não sendo assim um prazer puramente sexual, mas também um prazer psicológico, no qual a criança se satisfaz pela dominação, pelo sentimento de superioridade pelo "sofredor" da crueldade.

Dando continuidade às manifestações sexuais, deve-se pontuar o "olhar". No processo de constituição do ser humano enquanto sujeito, o olhar é, antes de qualquer coisa, uma metáfora para o desejo. E o olhar do outro enquanto linguagem nos constitui como sujeitos (SANTOS, 2010).

Segundo Santos (2010, p. 28), "Na teoria psicanalítica, a constituição do sujeito se dá por meio de duas 'encruzilhadas lógicas: O 'Estádio do Espelho' (Lacan) e o 'Complexo de Édipo'".

Particularmente, no que tange o chamado "Estádio do Espelho", este pode ser compreendido enquanto um momento que oportuniza ao bebê se deslocar de um estado de indiferenciação para um estado de unificação corporal, já que o rosto da mãe passa a ser uma espécie de precursor do espelho no desenvolvimento da criança. A partir do momento que a criança olha para o rosto de sua mãe, ela vê a si própria.

Freud caracteriza esse olhar, essa interação mãe-filho, como um processo evolutivo essencial para a vida, pois é nesse "autoconhecer" que a mãe injeta libido (energia sexual) ao bebê para modelar sua vida. Afirma Santos (2010, p. 29): "É a mãe nutrindo seu filho de libido, esse alimento que vai pulcioná-lo à frente, o que vai possibilitar que ele deixe de ser um puro organismo e possa ir se modelando um corpo, unificando-se".

Freud dividiu o desenvolvimento sexual do ser humano em diferentes fases, as quais chocaram e escandalizaram a sociedade de sua época (no início do século XX), conforme os órgãos, seres e objetos que proporcionam prazer e a relação que o indivíduo estabelece com eles.

1.1.1 Fase oral

A fase que, a grosso modo, tem como zona erógena a região bucal, ou seja, a boca. Pode-se retratá-la aqui como o ato do chuchar, onde se tem o prazer do bebê ao mamar, não apenas com satisfação fisiológica, nutricional do leite, mas do ato de sucção dos seios em si, do tocar a pele de sua mãe, de se sentir realizado sexualmente através dos lábios, região sexualmente ativa nesta fase.

O chuchar (sugar com leite) que, segundo Freud (1905, p. 110), "já aparece no lactente e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios)".

Considera-se que, até os 2 (dois) anos de idade, o órgão que concentra o prazer é a boca. E é através dela que o bebê faz descobertas do mundo, além de explorar objetos e partes do corpo. Alguns cuidados são essenciais para que a curiosidade seja saciada sem afetar a saúde.

1.1.2 Fase anal

Aqui caracterizada pelas manifestações sexuais da micção e defecação, onde os esfíncteres e o ânus são as zonas erógenas mais ativas sexualmente, das quais a criança descobre o poder do controle do próprio corpo.

A criança, ao aprender a controlar o esfíncter, sente prazer tanto na eliminação quanto na retenção das fezes e da urina. Pressioná-la para que largue as fraldas pode gerar angústia e ansiedade, o que não é nem um pouco positivo. O elogio quando a criança pede para ir ao banheiro ou toma sozinha a iniciativa é, talvez, a melhor estratégia.

1.1.3 Fase fálica

Na fase fálica, o próprio órgão sexual passa a ser o centro da atenção e, manipulá-lo, torna-se um prazer. Tal atitude caracteriza também uma busca pelo autoconhecimento. Meninos, por exemplo, percebem que têm pênis.

Por sua posição anatômica, pelas secreções em que estão banhadas, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais (como as migrações de vermes intestinais nas meninas), é inevitável que a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar à criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la (FREUD, 2006, p. 177).

É também neste período que surge o complexo de Édipo, onde o menino apresenta atração pela mãe e uma rivalidade com o pai, ocorrendo o inverso com a menina.

1.1.4 Fase de latência

Esta fase é caracterizada pela repressão do Édipo, período em que a libido é desviada ou focada para atividades sociais, como estudo, amizade, família, enfim, a fase de literal latência sexual, ou seja, um período de “espera” até um estado sexual efetivo (FIORI, 1981).

Ao descrever o período de latência, Freud (2006, p.167) compara tal repressão da energia sexual a diques. Considera que “durante esse período de latência total ou parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso em forma de diques”.

A curiosidade sexual não deixa de existir, porém, parte dela é canalizada para o desenvolvimento social e intelectual. Mesmo com o desvio da libido, a

criança permanece explorando as diferenças para compreender o que é ser menina ou menino.

1.1.5 Fase genital (a partir dos 11 anos)

Fase de início da adolescência, a qual a criança tende a passar por uma transição da infância para a fase adulta, ou seja, uma fase de mudanças. O adolescente volta à fase genital, mas dessa vez o desejo vira vontade de fazer sexo.

Há, a partir desta idade, a busca por pessoas fora do seu convívio familiar, como objeto de amor, assim havendo uma retomada dos impulsos sexuais. É nesse período que ocorre a perda da identidade infantil para, pouco a pouco, assumir uma identidade adulta (FIORI, 1981).

O prazer ganha relevância, o corpo amadurece e há uma intensificação da ação dos hormônios. A masturbação é comum, assim como ter fantasias e sonhos eróticos. As meninas iniciam o processo de menstruação.

É importante lembrar que essas pesquisas e afirmações realizadas por Freud foram realizadas ao final do século XIX e início do século XX, onde se tinha uma sociedade que acreditava que a criança era um ser puro, inocente, desprovido de qualquer pulso ou estímulo sexual, como seres assexuados. Tais teorias vieram como uma afronta às crenças da época e vieram para revolucionar a história da psicologia, psiquiatria e a pedagogia. Desde então, são abordagens aceitas e estudadas até hoje pelas áreas de atuação.

2. CARACTERIZAÇÃO DA PRECOCIDADE E AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS E SOCIAIS NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL

Neste processo de desenvolvimento sexual infantil, há algumas questões relacionadas à precocidade, as quais foram e vem sendo investigadas por alguns teóricos da linha da psicanálise, dentre outras áreas do conhecimento. E uma destas questões pode estar relacionada ao contexto familiar.

Salomão, Silva e Cano (2013) consideram que a família é o alicerce do desenvolvimento psicossocial de seus membros. Porém, percebe-se que adolescentes que iniciam sua vida sexual de maneira precoce ou engravidam cedo, geralmente vêm de famílias de mães que também iniciaram sua vida sexual precocemente ou que engravidaram durante a fase da adolescência.

É importante abordar quando essa sexualidade se aflora ou se demonstra antes do tempo esperado. É comum casos em que a sexualidade é totalmente desabrochada pelas crianças, muitas vezes até de uma forma inocente.

Atualmente, muitos jovens que começam a adentrar na fase da puberdade têm um desenvolvimento corporal avançado (em virtude, dentre outras questões, de influências da mídia e da própria família, como já foi dito por aqui) e os pais precisam estar preparados para essa precocidade. A antecipação do tempo da adolescência e o conseqüente encurtamento do tempo da infância é um dos apontamentos de Lajonquière (2010).

Questões culturais e sociais contribuem na constituição da sexualidade, a qual apresenta um caráter dinâmico e mutável. “(...) a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2000, p.6).

Ou seja, pode-se considerar que o desenvolvimento da sexualidade é marcado fortemente pela cultura e pela história de cada sociedade, as quais podem influenciar diretamente no comportamento dos indivíduos. A criança, ao apresentar os primeiros movimentos exploratórios que faz em seu corpo, causa uma reação nos adultos. E esta reação deixa a marca cultural que se faz presente no desenvolvimento da sexualidade infantil.

As crianças, de modo geral, iniciam o processo de formação de suas ideias sobre sexualidade a partir do que observam e vivenciam com a família e também com os educadores no âmbito escolar. Na escola se evidenciam as diferenças pela forma como cada criança expressa seus desejos, angústias e prazeres. E, na maioria das vezes, essas particularidades não são respeitadas na educação infantil, deixando marcas permanentes.

É no campo cultural e histórico que se definem as identidades sociais, dentre elas, as sexuais. Desde a primeira infância, as crianças começam a constituir suas ideias sobre sexualidade, a partir do que experienciam e observam na interação familiar, com seus pares, assim como também com os educadores, postula Louro (2001).

Um pudor excessivo e inibidor de qualquer forma de expressão da sexualidade se correlaciona com a “moral sexual cultural” dos adultos, atribuída por Freud como sendo “hipócrita” (LAJONQUIÈRE, 2010), por impedir o próprio homem de viver, de forma regular, sua verdade psicológica.

3. AGENTES RESPONSÁVEIS PELA PRECOCIDADE DA SEXUALIDADE INFANTIL

Os pais podem ser considerados uns dos grandes responsáveis no desenvolvimento da sexualidade infantil. Como exemplo, em uma casa onde a criança ouve conversas de teor sexual recorrentemente, onde ela tem fácil acesso a conteúdos sexuais e onde o sexo é banalizado por termos e palavras, essa criança tende a se desenvolver psicosssexualmente de uma forma desenfreada. Por esse motivo, diante dos filhos, os pais devem ser comedidos e buscar evitar o contato entre “criança” e “sexo”, e estarem prontos para ouvir e responder as perguntas recorrentes à curiosidade da criança.

Porém, segundo Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013, p.6),

Na atualidade, os pais eximem-se da responsabilidade de educar sexualmente os filhos por acreditarem que eles são jovens demais para falar sobre o assunto. Para diversos adultos, a sexualidade é um assunto proibido para crianças e adolescentes de pouca idade e assim evitam discutir com eles os questionamentos relacionados ao tema.

Há pouco tempo, a sociedade se viu numa nova onda de “*funkeiros mirins*” (assim denominados pela mídia e sociedade), como o MC Brinquedo, MC Pikachu, MC Pedrinho, MC Pet, MC Melody, dentre vários outros dessa nova geração de cantores mirins desse popular estilo musical. O que há em comum entre eles é que todos são crianças/adolescentes de 7 a 14 anos que cantam músicas de forte teor sexual e caracterização de sexo explícito e banal, dançam de forma sensual a acentuar posições sexuais, e abordam o tema com normalidade e banalidade. Mesmo sendo apenas crianças, mostram normalidade nestas demonstrações. Alguns deles chegaram a ser cassados pelo Ministério Público e foram proibidos de se apresentarem em shows e eventos, posteriormente liberados apenas para se apresentarem sem músicas de teor sexual, algo como uma versão mais “*light*”.

Se existem tais “*funkeiros mirins*”, há, conseqüentemente, a autorização e a conivência dos pais. Como exemplo, podemos ressaltar o caso da MC Melody, a qual tem um pai que também é cantor de *funk*, chamado artisticamente de MC Belinho. O mesmo alega que não vê problemas nas músicas que a filha canta, que inclusive é ele quem as produz, e afirmou que “a maldade está nos olhos de quem vê”. Isso enfatiza a afirmação de que o desenvolvimento sexual pode começar em casa.

O sexo é um dos temas mais freqüentes dos produtos musicais vinculados pela indústria do entretenimento. Segundo Leme (2002), letras maliciosas e de duplo sentido narram a moral e a sexualidade de cada época.

Dentre os principais motivos para essa avalanche de crianças precoces sexualmente, tem-se: o fácil acesso ao conteúdo sexual, a banalização do sexo pela sociedade, as inúmeras informações de teor sexual transmitidas pelos mais diversos meios de comunicação, além da internet.

Em um mundo altamente tecnológico, onde crianças de apenas 2 (dois) anos de idade já sabem manipular um *smartphone*, há o fácil acesso à tecnologia. E as crianças cada vez mais têm acesso à internet, não havendo o monitoramento dos pais em muitas situações, fazendo com que a tecnologia e a mídia contribuam negativamente para a constituição desta nova fase de “pequenos adultos”.

Para Maia *et al.* (2006), a mídia, de modo geral exerce uma influência direta na vida de jovens, tanto na transmissão de valores morais e na constituição do caráter, quanto na difusão de valores conflitantes expostos em cenas de nudez explícita, violência, preconceito, dentre outros.

As mídias influenciam bastante a sexualidade precoce, inclusive observando que parte das crianças e dos adolescentes de hoje prefere assistir televisão e/ou ficar navegando pela Internet do que ficar brincando ou desenvolvendo atividades fora do contexto virtual. As emissoras de TV, por exemplo, transmitem diversos tipos de conteúdo, os quais são assistidos por indivíduos de quaisquer faixas etárias, sem qualquer restrição. (MAIA *et al.*, (2006).

Antes mesmo de os pais tentarem dialogar com os filhos sobre sexo, a mídia já antecipa seu papel na transmissão de várias informações sexuais, com vários estereótipos e clichês.

Com isso, nota-se um grande número de adolescentes e pré-adolescentes com valores e crenças sobre sexo já pré-definidas, mesmo sem nenhuma experiência própria, tudo baseado na mídia. A mídia apresenta uma imediata gratificação sexual, o que na vida real raramente é encontrada.

Essa falsa ilusão da realidade distorcida que os meios de comunicação proporcionam pode trazer consequências drásticas para a formação social, afetiva e sexual da criança.

Se, por um lado, o desenvolvimento prematuro das atividades sexuais da criança começa dentro de casa, por outro lado, ele tende a se estender para dentro da escola, ambiente em que teoricamente deveria se disponibilizar de profissionais (professores, coordenadores, orientadores e diretores) preparados para lidar com a sexualidade infantil e capacitados para trabalhar com o tema da melhor forma. (SCHINDHELM, 2011).

Se, na teoria, deveria haver no âmbito escolar tais profissionais, na prática, a realidade não é bem essa, onde muitos professores não estão preparados para lidarem com uma questão tão delicada e específica. É preciso que o professor esteja pronto para saber conduzir e trabalhar com manifestações de sexualidade precoce das crianças mas, para tanto, políticas de formação inicial e continuada a serem promovidas pelos sistemas de ensino em regime de colaboração poderiam ser alternativas que ajudariam a minimizar o problema da carência de profissionais da educação devidamente capacitados ou aptos a desenvolverem um trabalho pedagógico de forma mais orientada sobre a temática da sexualidade infantil e, também, na própria adolescência.

A sexualidade infantil apresenta-se na escola como um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa, ao desvelar os ocultamentos e silenciamentos acerca da temática. Expressa por crenças, atitudes, valores, papéis e relacionamentos é produto de um trabalho permanente de ocultação, de dissimulação ou de mistificação na escola, um reflexo do que se produz da mesma forma na sociedade. (SCHINDHELM, 2011, p. 5).

As escolas tendem a usar o corpo como ponto inicial para educar as crianças e, assim, produzir uma sexualidade “normal” - masculina ou feminina - através de práticas pedagógicas disciplinadoras, de certo modo discretas e sutis, afirma Louro (2000).

Vale ressaltar, portanto, que tais reflexões sobre o papel dos agentes, em parte responsáveis pela precocidade da sexualidade infantil, são fundamentais para que educadores, instituições e organismos vinculados a esta temática possam, de forma colaborativa, buscar medidas e estratégias a fim de minimizar as influências negativas no comportamento sexual junto às crianças e jovens.

4. A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE, A ESCOLA E O PAPEL DOCENTE

Compreende-se a importância da escola e do papel docente no desenvolvimento da sexualidade nas mais diferentes fases da infância e da adolescência.

Torna-se fundamental observar a importância do educador em relação ao desenvolvimento sexual do aluno, pois ele é uma peça chave para esse processo. A atuação indevida do educador, ante essas moções das crianças, poderá atrapalhar todo um processo, sendo assim desastroso para seu desenvolvimento psicosssexual infantil em longo prazo. Porém, essa “falha” é justificada por Freud e ressaltada por Santos:

Ele aponta que os estudiosos de sua época não se preocuparam em investigar o desenvolvimento da vida sexual do ser humano a partir da infância. Com esse “deslize” eles teriam deixado de notar a presença de manifestações sexuais nas crianças, difundindo a ideia de serem elas, seres angelicais assexuados. Quando o notaram, no entanto, trataram de taxá-las como verdadeiras aberrações – fruto de processos excepcionais ou de depravação precoce. (2010, p.18).

Já Schindhelm (2011) faz um paralelo da situação escolar na atualidade, onde se tem um ensino mecanizado, repetitivo, e muitas vezes sem sentido (características de uma pedagogia tradicional), o qual é deixado de lado, ora por falta de preparo de profissionais, ora por acomodação, pontos cruciais para o desenvolvimento infantil, no caso, o aspecto sexual:

Neste cenário escolar perdura, comumente, a incompreensão, a improvisação, o repetir de preconceitos e quase sempre o descaso no tocante às experiências sexuais das crianças e aos estudos sobre a sexualidade infantil. (SCHINDHELM, 2011, p. 6).

Considera-se que o docente pode cumprir um papel relevante na sexualidade da criança, desde que tal profissional esteja devidamente preparado para tal ação educadora.

Apesar de todas estas considerações sobre a importância da educação em todo este processo, Lajonquière (2010), ao analisar a *Lección XXXIV* de Freud, destaca que, para o grande expoente da psicanálise, a educação de sua época ainda não havia cumprido devidamente a sua função. Trazendo tal análise para os dias atuais, pergunta-se: será que a escola permanece a direcionar as crianças rumo a uma “castração humanizante”, nas palavras de Freud?

(...) consta por parte de Freud o reconhecimento de uma eficácia limitada à educação ou, em outras palavras, do fato de a margem de manobra dos adultos junto às crianças padecer de certa limitação intrínseca. (LAJONQUIÈRE, 2010, p. 54).

Somadas as críticas de Freud com relação ao papel da educação dentro deste processo, acredita-se que a formação continuada de docentes, em conjunto com outras estratégias, possa romper com as estruturas mais arcaicas e que ainda refletem um modelo educacional tradicionalista e conservador, no que tange a orientação e o acompanhamento sexual dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sexual da criança começa em casa, portanto, cabe aos pais o diálogo, sempre respondendo, de forma responsável, às dúvidas e perguntas pertinentes das crianças. E, quando não for possível, é essencial procurar a ajuda de um profissional para sanar àquela questão, não deixando que a criança tente descobrir por outros meios que não sejam adequados.

Se a criança cresce com dúvidas sobre assuntos ligados ao sexo, se não compartilha seus medos e ansiedades com os pais, certamente será um adolescente cheio de dúvidas e, provavelmente, um adulto com culpas, preconceito e complexos. Por isso, a importância do apoio dos pais nas suas descobertas. Isso porque a sexualidade infantil estabelece as bases para a sexualidade na adolescência e na vida adulta.

O professor deve sempre estar atento aos interesses e curiosidades das crianças, ouvindo-as e respeitando o pensamento e individualidade de cada uma. A escola deve fazer uma reflexão ampla e crítica, no sentido de estar aberta a discussões, respeitar as diferenças das crianças e, com isso, proporcionar um processo de interação, reconhecendo que o prazer é uma manifestação da vida e da sexualidade.

É fundamental também o diálogo entre a escola e a família. Essa parceria é importante no sentido de que a orientação sexual passe pelo diálogo e troca entre escola, família e comunidade, e estarem cientes do que se pensa a respeito da sexualidade.

Essa postura voltada para o diálogo, livre de quaisquer preconceitos e discriminações, possibilita que a criança amplie suas referências e ajude no seu processo de desenvolvimento.

O professor pode trabalhar questões relacionadas à sexualidade com as crianças de forma lúdica, através de brincadeiras, cores, cantigas, brinquedos, enfim, alternativas estas já utilizadas por muitos profissionais, com o objetivo de desmistificar a sexualidade, bem como facilitar o entendimento das crianças acerca de tal temática.

O processo de desenvolvimento da criança na aprendizagem escolar a leva a uma modificação do universo infantil. Kishimoto afirma que "a infância é a idade do possível, pode-se projetar sobre ela a esperança da mudança, de transformação social e renovação moral" (2000, p. 19).

E é com este espírito de mudança, de transformação e de renovação que se espera que a educação escolar e os demais agentes envolvidos possam cumprir com o devido papel no processo de constituição de uma *educação para a realidade*, como vislumbrou Freud, contribuinte na constituição de um sujeito sadio emocionalmente e que não venha a sofrer possíveis males causados pela precocidade no âmbito da sexualidade.

REFERÊNCIAS

FIORI, Wagner da Rocha. **Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico**. São Paulo. Cortez, 2003. 92 p.

FREUD, Sigmund (1905). **Um Caso de Histeria, Três Ensaio Sobre Sexualidade e outros trabalhos** - Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

_____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) 1915-1916**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XVI. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

GONÇALVES, FALEIRO E MALAFAIA. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**. (2013). Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/784/741>. Acesso em: 15 nov. 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida: **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Figuras do Infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças**. RJ: Vozes, 2010.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEME, Mônica. **Que tchan é esse?** São Paulo: Annablume, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAIA, F.R; DA SILVA, C.P; S.P MARQUES, M.T; FERREIRA, K.C.V. **A Influência da Mídia na Sexualidade do Adolescente**. Revista Mackenzie de educação Física e Esporte. V. 5 (especial). São Paulo, 2006. pp. 109-117.

SALOMÃO, R.; SILVA, M. A. I.; CANO, M. A. T. **Sexualidade do adolescente na percepção dos pais, sob a perspectiva de Foucault.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 15, n. 3, p. 609-618, jul./set. 2013.

SANTOS, Andréia. (2010). **A sexualidade infantil e o desejo de saber: a origem da atividade intelectual nas crianças.** Faculdade de Educação USP, 2010, vl. VI. Disponível em:
<<http://www4.fe.usp.br/pesquisa-arquivos/public6/orienta.html>>. Acesso em: 11 nov. 15.

SCHINDHELM, Virginia. **A sexualidade na educação infantil.** Revista Aleph. ano V, nº 16, nov. 2011. Disponível em:
<<http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art9.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 15.